

## EM MEMÓRIA DE D. MAURÍLIO DE GOUVEIA

1. Conheci o Senhor D. Maurílio quando ele, pouco tempo depois de vir para Lisboa como novo Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa, presidiu à Eucaristia em que foi colocada a Primeira Pedra do Santuário de Lisboa, no terreno da casa recém-comprada pelo Instituto de Nossa Senhora de Schoenstatt, no Restelo, em 31 de Maio de 1974.

Três meses e meio depois, D. Maurílio presidiu à bênção e inauguração do Santuário acabado de construir e participou no jantar e convívio que se lhe seguiram. Nesse encontro, fui encarregado de saudar, em nome da Família de Schoenstatt de Lisboa, os convidados que tinham vindo de vários países para a bênção do nosso Santuário, assim como o Senhor D. Maurílio, em 15 de Setembro de 1974. Na crónica dessa celebração pode ler-se: “O Manuel Luís fez, em nome da Família, uma saudação especial ao Bispo Senhor D. Maurílio, alegrando-se com a sua presença e a amizade que entre nós já se tinha estabelecido. ... Em nome da Família, entregou um símbolo (1) ao Senhor D. Maurílio, salientando a nossa missão de contribuir para a renovação da Igreja em Portugal e a decisão de nos colocarmos numa disponibilidade total para o trabalho que da sua parte fosse solicitado ... Por fim, falou o Sr. D. Maurílio, manifestando a alegria de estar connosco e por saber que nós o víamos como Bispo, mas também como amigo, como membro da Família. Revelou que ficara impressionado com o ambiente de fé que se vivia em Schoenstatt, onde tinha estado durante as férias. Terminou afirmando que esperava a contribuição da Família na construção da Igreja e da sociedade portuguesas”. (2)

Poucos anos depois, em 18 de Novembro de 1977, o Senhor D. Maurílio presidiu igualmente à celebração eucarística na qual foi entregue o Ideal da Família e do Santuário “Cenáculo da Família do Pai” e foi colocado o símbolo de Deus Pai no Santuário.

2. A meu ver, a rápida aceitação mútua, como se já nos conhecêssemos há muito tempo, entre a nossa Família de Schoenstatt de Lisboa e o Senhor D. Maurílio, assim como a nossa relação de casal, Zita e Manuel Luís, com ele, tiveram como base sólida os seguintes pontos comuns que foram mutuamente reconhecidos, em pouco tempo: o amor a Maria, a importância da vinculação local, concretamente ao Santuário, a admiração pelo nosso Pai Fundador, e a convicção de que era urgente a renovação conciliar da Igreja e incentivar a sua missão no mundo em que vivíamos, concretamente em Portugal, naquele tempo.

Foi, assim, natural a sua incorporação na Família de Schoenstatt, a qual se deu sem se beliscar a sua posição, autoridade e missão de Bispo, nem a legítima autonomia, estrutura e organização da Família de Schoenstatt.

Devemos agradecer muito o que Schoenstatt ganhou com este seu membro, designadamente o fortalecimento da relação de Schoenstatt com o Episcopado em Portugal, em especial com os Patriarcas de Lisboa D. António Ribeiro (1971-1998) e D. José Policarpo (1998-2014);

mas creio que D. Maurílio ganhou também com a presença de Schoenstatt na sua vida. Não há que estranhar que uma colectânea com alguns dos seus últimos escritos, recentemente publicada, após a sua morte, se intitule “Rumo ao Céu”...

Além disso, o Senhor D. Maurílio apelou a vários membros da nossa Família para colaborarmos com ele em instituições e acções pastorais que ele dirigia ou que

estavam, de algum modo, sob o seu cuidado ou responsabilidade, designadamente o Secretariado Nacional do Apostolado dos Leigos e Família (SNAL), o Conselho Nacional dos Movimentos e Obras (CNMO), e o Congresso Nacional dos Leigos, realizado em Fátima, de 2 a 5 de Junho de 1988. Vários colaborámos em muitas acções de formação organizadas para dirigentes ou membros de Associações, Movimentos ou Obras de Leigos, a nível nacional, ou em apoio a Dioceses, ou a outros níveis locais.

3. Foi muito gratificante trabalhar na Igreja sob a condução do Senhor D. Maurílio, especialmente em virtude do contacto pessoal próximo com uma pessoa que tinha grandes dotes. Impressionou-me sempre a simpatia e simplicidade com que tratava toda a gente, assim como a alegria que irradiava com toda a naturalidade. Por outro lado, demonstrava, nas suas análises e decisões, uma grande inteligência, a par de grande segurança e fidelidade doutrinal. Era muito diligente no exercício das suas funções e dotado de criatividade pastoral em função das pessoas e das circunstâncias, assim como do tipo de actividades a desenvolver. Tinha como critério claro que havia que ter sempre em conta a vocação e missão de cada pessoa ou grupo na Igreja. Gostava de trabalhar em grupo e, com todos, fazer Igreja/Família. Para ele, ser Bispo era ser Pai; e gostava, precisava de ter filhos.

A Zita e eu ficávamos felizes quando ele vinha jantar a nossa casa, a que se seguiam, normalmente, boas conversas, ou quando, mais tarde, fomos a Évora ou Vila Viçosa almoçar com ele.

Obrigado, Senhor D. Maurílio.

Manuel Luís Marinho Antunes

(1) O símbolo era uma pequena ardósia retirada das sobras do telhado do nosso Santuário na qual estava riscado um triângulo que evocava o nosso Símbolo do Pai.

(2) *Cenáculo da Família do Pai. 25 Anos. 1974-1999*, edição preparada por M. Ernestina de Castro, M. Leonor Bacharel Oliveira e António Ruivo, Lisboa, Família de Schoenstatt do Patriarcado de Lisboa, 1999, págs. 28 e 30.